

DESAFIO EMERGENTE: A EXPANSÃO DO HIV/AIDS ENTRE A POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL – UM OLHAR ANALÍTICO (2011-2021)

Data de submissão: 17/08/2023

Data de aceite: 01/09/2023

Thais Araujo Borges

Universidade Federal do Tocantins
Palmas/TO
<http://lattes.cnpq.br/5664980598934444>

Mitsuê Silva Lagares

Universidade Federal do Tocantins
Palmas/TO
<http://lattes.cnpq.br/5159757717510765>

Lorrany Christine de Oliveira Silva

Universidade Federal do Tocantins
Palmas/TO
<https://lattes.cnpq.br/7658365770406675>

Luiz Sinésio Silva Neto

Universidade Federal do Tocantins
Palmas/TO
<http://lattes.cnpq.br/0239885769879636>

RESUMO: O estudo visa analisar o perfil epidemiológico e a taxa de incidência de HIV/AIDS na população idosa no Brasil, de 2011 a 2021. Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e quantitativo, utilizando dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) fornecidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Os resultados indicam um

aumento na taxa de detecção da doença entre a população idosa, com a maioria tendo até sete anos de estudo. Este aumento contrasta com a diminuição de diagnósticos na população mais jovem. Foi observada uma maior incidência no sexo masculino. Em termos regionais, a região Sudeste apresentou o maior número de casos, enquanto a Centro-Oeste teve o menor. A categoria ‘heterossexual’ foi a principal via de exposição. Conclui-se que, apesar do envelhecimento populacional e dos avanços na área médica, a sexualidade na população idosa é insuficientemente abordada em políticas públicas, entre os profissionais de saúde e pelos próprios idosos, tornando-os mais suscetíveis a infecções por doenças sexualmente transmissíveis. A importância de abordar este tema vai além da promoção da saúde e bem-estar da população idosa, sendo crucial entender os fatores que contribuem para essa realidade, que se apresenta como um desafio emergente para a saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; HIV; Saúde Pública; Estudos epidemiológicos.

EMERGING CHALLENGE: THE EXPANSION OF HIV/AIDS AMONG THE ELDERLY POPULATION IN BRAZIL – AN ANALYTICAL VIEW (2011-2021)

ABSTRACT: The study aims to analyze the epidemiological profile and the incidence rate of HIV/AIDS in the elderly population in Brazil, from 2011 to 2021. It is an epidemiological, retrospective and quantitative study, using data from the Department of Informatics of the Unified Health System (DATASUS) provided by the Information System for Notifiable Diseases (SINAN). The results indicate an increase in the detection rate of the disease among the elderly population, with the majority having up to seven years of study. This increase contrasts with the decrease in diagnoses in the younger population. Regionally, the Southeast region had the highest number of cases, while the Central-West had the fewest. The ‘heterosexual’ category was the main route of exposure. It is concluded that, despite population aging and advances in the medical field, sexuality in the elderly population is insufficiently addressed in public policies, among health professionals and by the elderly themselves, making them more susceptible to infections by sexually transmitted diseases. The importance of addressing this issue goes beyond promoting the health and well-being of the elderly population, and it is crucial to understand the factors that contribute to this reality, which presents itself as an emerging challenge for public health.

KEYWORDS: Elderly; Acquired Immunodeficiency Syndrome; HIV; Public health; Epidemiologic studies.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que representa um aumento significativo da proporção de indivíduos mais velhos na população total. Esse processo, resultado da queda nas taxas de natalidade e do aumento na expectativa de vida, impõe desafios específicos na área da saúde pública, especialmente no que se refere ao manejo e à prevenção de doenças crônicas e infecciosas (IBGE, 2015; NETO et al, 2015). Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população idosa no Brasil é de 28 milhões ou, aproximadamente, 13% do contingente populacional total, com estimativas de aumento para 30% em 2050 (AGUIAR et al, 2020; FERREIRA E LEITE, 2022).

Dentre os desafios, ressalta-se a crescente incidência de HIV/AIDS nessa faixa etária, a qual configura-se como uma questão de saúde pública relevante, que destaca a necessidade de abordagens de prevenção e tratamento específicos para esse grupo (AGUIAR et al, 2020). Conhecer essa parcela da população se faz necessário não somente para resolver os agravos, mas para manter e/ou recuperar a autonomia e independência, com qualidade, resolutividade e eficiência (BRASIL, 2019).

Todavia, percebe-se impasses no cuidado com a população idosa. Os atendimentos a esse grupo estão, em sua maioria, estruturados para doenças crônicas não transmissíveis. A prevenção, o diagnóstico e o tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) muitas vezes são negligenciados, já que não são temas frequentemente abordados pelos

profissionais de saúde com os idosos. A estigmatização atribuída ao tema pode criar preconceitos e, em alguns casos, o próprio paciente pode sentir vergonha de discutir o assunto (LEMOS, 2023).

O envelhecimento populacional, aliado à introdução de medicamentos que facilitam a vida sexual dos idosos, como os tratamentos para disfunção erétil e terapia hormonal, tem possibilitado uma vida sexual mais ativa nessa faixa etária. Contudo, essa tendência, combinada com a falta de informação sobre prevenção, levou ao aumento na contaminação por HIV/AIDS entre a população idosa (AGUIAR et al, 2020; SANTOS et al, 2022).

As formas predominantes de contágio são por meio de relações sexuais desprotegidas, transmissão vertical (mãe para filho), transfusões de sangue, e contato com objetos perfurocortantes infectados, sendo a relação sexual desprotegida a via mais comum (MELO et al., 2018). Essa realidade sublinha a necessidade urgente de estratégias de saúde pública direcionadas especificamente para educar e proteger a população idosa, promovendo uma vida sexual segura e enriquecida.

O prognóstico para os indivíduos que iniciam a terapia antirretroviral é promissor, com uma perspectiva de vida semelhante à dos controles da mesma idade. No entanto, circunstâncias como baixa contagem de células TCD4+, contágio por uso de drogas endovenosas ou diagnóstico perto dos 50 anos ou mais, estão associadas a um desfecho desfavorável. Além disso, o diagnóstico na população idosa pode ser retardado por uma variedade de fatores, como o viés das alterações fisiológicas próprias do envelhecimento ou a relutância da pessoa idosa em procurar ajuda por medo do estigma associado à doença. Esse retardo no diagnóstico, ao postergar o início da terapia, pode piorar o prognóstico, deixando os idosos mais vulneráveis a taxas maiores de transmissão, infecção e desfechos desfavoráveis (FERREIRA E LEITE, 2022).

Além disso, Nicaretta et al. (2023) recomendam uma rede de cuidados sistematizada para a realização de diagnósticos precoces, que favorece a diminuição ao risco de infecções oportunistas e doenças. Enfatiza-se, a necessidade de um cuidado que vá além da terapêutica tradicional, capaz de abordar toda a complexidade desses indivíduos que vivem com HIV. Isso inclui serviços de saúde que funcionem de maneira articulada, de acordo com os princípios de intersetorialidade, e com a incorporação de uma gama mais ampla de profissionais no decorrer do tratamento.

De acordo com dados da UNAIDS, em 2021, aproximadamente 39 milhões de pessoas em todo o mundo receberam diagnóstico de HIV. De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, no mesmo período, foram identificados 40.880 novos casos no Brasil, totalizando 434.803 soropositivos desde 2007. Embora a população idosa não seja a mais afetada pelo vírus, ela é a única faixa etária que tem demonstrado crescimento constante nos últimos anos. Essa tendência pode ser atribuída a uma combinação de fatores, incluindo os avanços na medicina que possibilitaram um envelhecimento ativo, o acesso gratuito ao tratamento com terapia antirretroviral (TAR) e os fatores excludentes

associados a normas sociais e tabus, que muitas vezes não reconhecem a população idosa como sexualmente ativa (AGUIAR et al., 2020; SOUZA et al., 2023).

Kokorelias et al. (2023) destacam que o estigma associado à doença pode gerar medo em relação à revelação do diagnóstico, resultando em atrasos no início do tratamento. Além disso, o receio de sofrer discriminação por parte dos profissionais de saúde pode também, levar à hesitação ou recusa na busca por atendimento médico oportuno. A suposição de que os programas de serviços sociais são destinados apenas aos indivíduos mais jovens, é outro fator que pode impedir que a população idosa acesse os serviços projetados para a população infectada pelo HIV.

A atenção a essa população, portanto, deve envolver estratégias integradas que atendam às necessidades gerais da população idosa e, simultaneamente, que abordam questões específicas como o HIV/AIDS, enfatizando a importância de políticas de saúde inclusivas e direcionadas à promoção do envelhecimento saudável e digno, reconhecendo-os como parte integral e ativa da sociedade brasileira. Abordar a sexualidade na população idosa é um desafio para as políticas de saúde pública e as complexas questões que envolvem a temática ressaltam a importância da realização de pesquisas que investiguem o comportamento e o conhecimento desse grupo.

O estudo epidemiológico é fundamental para embasar a elaboração de medidas de intervenção, uma vez que fornece dados e análises que permitem compreender a realidade da população estudada, identificar tendências, padrões e fatores de risco. Essas informações são essenciais ao direcionar estratégias eficazes, voltadas a atender às necessidades específicas da população em questão. Dessa forma, o estudo tem o objetivo de analisar o perfil epidemiológico e a taxa de incidência de novos casos de HIV/AIDS na população idosa no Brasil, de 2011 a 2021.

METODOLOGIA

Estudo epidemiológico, quantitativo e retrospectivo, com dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), fornecidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponível no endereço eletrônico (<https://datasus.saude.gov.br/>), referente aos casos de HIV/AIDS registrados no Brasil entre os anos de 2011 a 2021.

Com o intuito de prevenir falhas decorrentes de atraso na notificação, optou-se por analisar os dados disponíveis até 2021, pois este é o último ano em que estão presentes as informações completas. O banco de dados é alimentado por meio da notificação e investigação de casos e agravos listados na lista nacional de doenças de notificação compulsória, informada mensalmente por todos os estabelecimentos de saúde públicos, conveniados e contratados que realizam internações, sendo consolidados pelos estados e municípios.

Para a tabulação e análise estatística, foram geradas planilhas eletrônicas utilizando o programa TabWin 32 versão 4.14 do Tab para Windows. Posteriormente, os dados foram exportados para o Microsoft Excel versão 2019. Foram calculadas as frequências absolutas e relativas e os dados foram organizados em tabelas e gráficos de acordo com as variáveis a serem analisadas. As variáveis estudadas incluíram: faixa etária (60-69, 70-79 e 80 anos ou mais), ano de diagnóstico (de 2011 a 2021), sexo (masculino e feminino), anos de estudo (nenhum, ensino fundamental incompleto, fundamental completo, médio incompleto, médio completo, superior incompleto, superior completo), raça/cor (brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas), macrorregião de residência (norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste) e categoria de exposição (heterossexual, homossexual, bissexual, uso de drogas injetáveis - UDI, hemofílico e transmissão vertical).

Este estudo utilizou informações originadas de bancos de dados de domínio público. Em conformidade com a Resolução nº 510/2016, essa característica justifica a dispensa da apreciação do projeto por um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

RESULTADOS

Na análise quantitativa das informações sobre o diagnóstico de AIDS no Brasil, verificou-se um total de 436.068 diagnósticos durante o período de 2011 a 2021 na população em geral. Em 2013 obteve-se o maior número de notificações (43.850), e em 2020, o menor (30.638). Além disso, a faixa etária com maior frequência no período estudado foi a de 30 a 39 anos com 133.416 (30,6%) diagnósticos, seguida por 106.910 diagnósticos (24,5%) na faixa etária de 20 a 29 anos e 100.012 diagnósticos (22,9%) na faixa etária de 40 a 49 anos. No que diz respeito a população idosa, observaram-se 24.766 casos da síndrome (5,7%) no período estudado, conforme demonstrado na Tabela 1.

Ano Diagnóstico	Faixa Etária							Total
	≤ 14	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	≥ 60	
2011	879	838	9.679	14.232	10.771	4.981	1.845	43.225
2012	813	927	9.963	13.872	10.368	5.102	1.958	43.003
2013	748	1.019	10.401	13.813	10.340	5.333	2.196	43.850
2014	657	1.058	10.209	13.346	9.855	5.309	2.189	42.623
2015	519	1.058	10.122	12.873	9.313	5.346	2.243	41.519
2016	523	992	9.707	12.121	9.045	5.174	2.354	39.916
2017	500	935	10.070	11.629	8.506	5.062	2.393	39.095
2018	437	822	9.761	11.446	8.592	5.024	2.545	38.627
2019	427	816	9.830	11.182	8.518	5.013	2.541	38.327
2020	248	632	7.847	8.899	6.774	4.174	2.064	30.638
2021	295	753	9.321	10.003	7.930	4.505	2.438	35.245
Total	6.091	9.850	106.910	133.416	100.012	55.023	24.766	436.068

Tabela 1 – Frequência dos casos de AIDS segundo Faixa Etária por Ano Diagnóstico. Brasil, 2011 a 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SINAN, 2023.

É possível perceber que houve um aumento na taxa de detecção da doença entre o grupo de pessoas com 60 anos ou mais, contrapondo-se ao quadro geral de queda observado no restante da população no mesmo período. Isso pode ser notado na Tabela 1 e Figura 1.

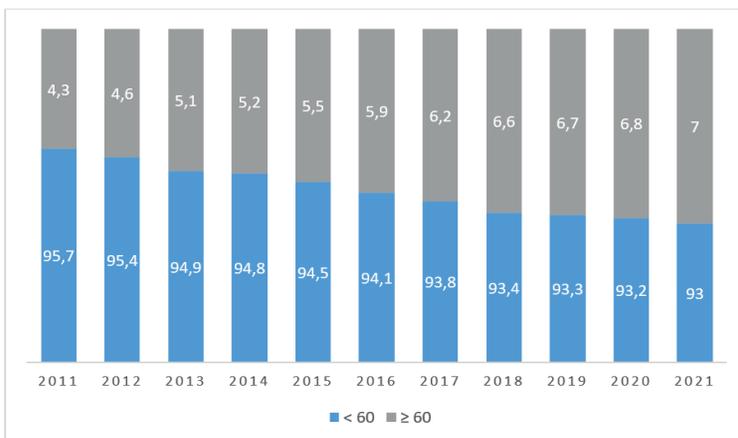


Figura 1 – Distribuição percentual dos casos de AIDS segundo idade, por ano de diagnóstico. Brasil, 2011 a 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SINAN, 2023.

Em relação à variável do sexo, houve predominância masculina nas notificações da doença em todas as faixas etárias. Dentre os 24.766 casos retratados na população idosa, 15.301 (61,8%) eram do sexo masculino e 9.463 (38,2%) do sexo feminino. Vale ressaltar que, apesar da dominância masculina em todos os anos analisados, como visto na Figura 2 e Tabela 2, é possível observar o aumento de diagnósticos também na população feminina.



Figura 02 - Gráfico de casos notificados de AIDS, na população idosa, segundo sexo por ano de notificação. Brasil, 2011 a 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SINAN, 2023.

Variáveis	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total Abs*	Total (%)
Faixa Etária													
60-69	1.443	1.558	1.745	1.727	1.806	1.867	1.886	1.980	1.988	1.574	1.902	19.476	78,6%
70-79	348	336	387	387	368	412	423	472	463	400	444	4.440	17,9%
≥80	54	64	64	75	69	75	84	93	90	90	92	850	3,4%
Total Abs*	1.845	1.958	2.196	2.189	2.243	2.354	2.393	2.545	2.541	2.064	2.438	24.766	100%
Total (%)	7,4%	7,9%	8,9%	8,8%	9,1%	9,5%	9,7%	10,3%	10,3%	8,3%	9,8%	100%	
Sexo													
Masculino	1.078	1.180	1.353	1.353	1.389	1.447	1.480	1.617	1.583	1.279	1.542	15.301	61,8%
Feminino	767	778	843	836	854	907	913	928	957	784	896	9.463	38,2%
Em Branco	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	0,0%
Total Abs*	1.845	1.958	2.196	2.189	2.243	2.354	2.393	2.545	2.541	2.064	2.438	24.766	100,0%
Total (%)	7,4%	7,9%	8,9%	8,8%	9,1%	9,5%	9,7%	10,3%	10,3%	8,3%	9,8%	100%	
Raça/Cor													
Branca	677	742	691	671	691	660	657	614	601	449	456	6.909	27,9%
Preta	129	121	167	118	135	149	148	158	126	86	117	1.454	5,9%
Amarela	10	6	5	8	9	6	7	6	12	13	7	89	0,4%
Parda	403	437	524	541	499	518	494	568	515	361	479	5.339	21,6%
Indígena	4	5	8	5	5	0	5	7	0	4	2	45	0,2%
Ignorado	622	647	801	846	904	1.021	1.082	1.192	1.287	1.151	1.377	10.930	44,1%
Total Abs*	1.845	1.958	2.196	2.189	2.243	2.354	2.393	2.545	2.541	2.064	2.438	24.766	100,0%
Total (%)	7,4%	7,9%	8,9%	8,8%	9,1%	9,5%	9,7%	10,3%	10,3%	8,3%	9,8%	100,0%	
Escolaridade **													
Sem	104	106	133	103	100	120	102	95	96	53	71	1.083	10,3%
FI**	521	558	568	536	565	530	516	474	483	329	345	5.425	51,5%
FC**	106	101	134	116	120	98	126	149	107	75	105	1.237	11,7%
MI**	40	53	50	50	40	46	49	40	44	33	32	477	4,5%
MC**	94	117	112	133	134	120	134	152	130	110	146	1.382	13,1%
SI**	16	6	14	16	11	22	18	12	15	15	14	159	1,5%
SC**	56	71	82	77	61	86	79	75	74	56	54	771	7,3%
Total Abs*	937	1.012	1.093	1.031	1.031	1.022	1.024	997	949	671	767	10.534	100,0%
Total (%)	8,9%	9,6%	10,4%	9,8%	9,8%	9,7%	9,7%	9,5%	9,0%	6,4%	7,3%	100,0%	
Região de Residência													
Região Norte	104	114	159	181	176	201	203	233	195	172	236	1.974	8,0%
Região Nordeste	296	336	422	443	425	489	478	550	547	406	535	4.927	19,9%
Região Sudeste	859	845	938	883	918	933	954	984	970	825	914	10.023	40,5%
Região Sul	468	523	529	526	589	574	551	623	643	528	567	6.121	24,7%
Região Centro-oeste	118	140	148	156	135	157	207	155	186	133	186	1.721	6,9%
Total Abs*	1.845	1.958	2.196	2.189	2.243	2.354	2.393	2.545	2.541	2.064	2.438	24.766	100,0%
Total (%)	7,4%	7,9%	8,9%	8,8%	9,1%	9,5%	9,7%	10,3%	10,3%	8,3%	9,8%	100,0%	
Exposição													
Homossexual	63	77	93	73	75	103	74	71	66	66	79	840	3,4%
Bissexual	46	52	58	42	42	49	63	57	44	31	36	520	2,1%
Heterossexual	946	973	1.061	977	986	911	994	992	939	671	748	10.198	41,2%
UDI***	4	15	7	12	22	11	7	13	8	7	7	113	0,5%
Hemofílico	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2	0,0%
Transfusão	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	7	0,0%
AMB***	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,0%
Trans. Vertical	4	7	6	8	5	4	3	7	5	4	3	56	0,2%
Ignorado	780	834	970	1.076	1.111	1.274	1.251	1.404	1.479	1.285	1.565	13.029	52,6%
Total Absoluto	1.845	1.958	2.196	2.189	2.243	2.354	2.393	2.545	2.541	2.064	2.438	24.766	100,0%
Total (%)	7,4%	7,9%	8,9%	8,8%	9,1%	9,5%	9,7%	10,3%	10,3%	8,3%	9,8%	100,0%	

Tabela 2 - Perfil sociodemográfico e epidemiológico dos casos notificados de HIV/Aids em idosos, de 2011 a 2021, no Brasil.

Legenda: *Abs.: Absoluto. **FI: Fundamental Incompleto; FC: Fundamental Completo; MI: Médio Incompleto; MC: Médio Completo; SI: Superior Incompleto; SC: Superior Completo. ****UDI: Usuários de Drogas Injetáveis; AMB: Acidente Material Biológico; TV: Transmissão Vertical.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SINAN, 2023.

A Tabela 2 demonstra que uma parte expressiva da população idosa, 44,1%, não teve o critério raça/cor preenchido. Apesar disso, a raça/cor mais registrada foi a branca, com 27,9%, seguida pela parda, com 21,6%. Porém, é válido ressaltar que houve uma

variação significativa dos valores predominantes quando comparados por região. É possível notar na Figura 3, da qual foram retirados os resultados “ignorado” para que se pudesse ter uma visualização melhor da variação, que as regiões Sul e Sudeste tiveram uma proporção maior de diagnósticos na raça/cor branca, totalizando 81,2% e 54,7%, respectivamente; em contrapartida, as regiões do Norte e Nordeste tiveram predominância de diagnósticos na raça/cor parda, com 79,46% e 72,2%, respectivamente.

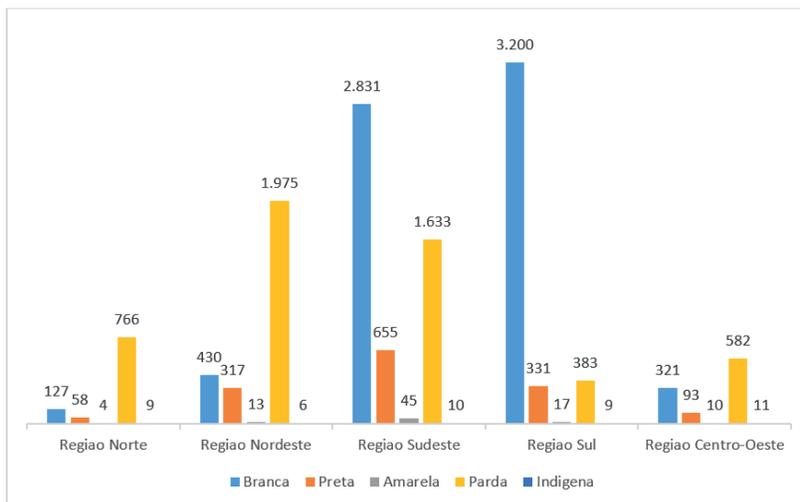


Figura 03 - Gráfico de casos notificados de AIDS, na população idosa, segundo raça/cor por região de notificação, excluindo os dados como “ignorado”. Brasil, 2011 a 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SINAN, 2023.

Fato semelhante ao da variável raça/cor foi observado na categoria escolaridade, na qual 57,5% das respostas foram ignoradas. Dentre os indivíduos que informaram seu grau de instrução, 51,7% deles possuíam apenas ensino fundamental incompleto (1ª a 8ª série incompleta). Por outro lado, 38% da população idosa tinham pelo menos 8 anos de estudos.

Conforme verifica-se na Tabela 2, a categoria de exposição hierárquica é composta por: contato homossexual, bissexual ou heterossexual; uso de drogas injetáveis; hemofílico; transfusão sanguínea; acidente com material biológico; transmissão vertical, e ignorado. Esse campo foi registrado em 47,4% dos casos, de modo que a exposição predominante foi a heterossexual, com 41,2% do total, e a menos prevalente foi acidente com material biológico com um caso.

Em relação à região de residência, em números absolutos, a região Sudeste obteve o maior número de notificações, com 10.023 casos, seguida pela região Sul, com 6.121, e Nordeste, com 4.927. O Centro-Oeste registrou a menor quantidade de casos, com 1.721, e por fim, a região Norte notificou 1.974 doentes, como demonstrado na Figura 4.

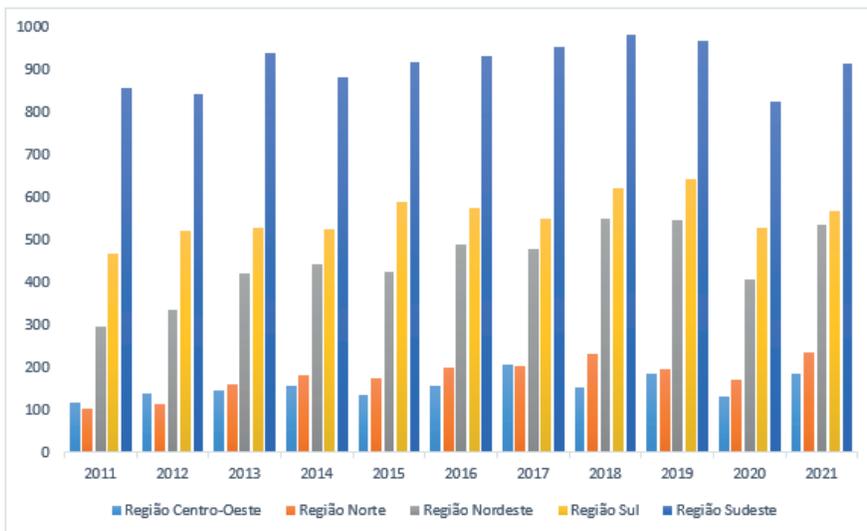


Figura 04 - Gráfico da proporção de casos de AIDS notificados em idosos por região de residência, pelo ano de notificação, de 2011-2021, no Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SINAN, 2023.

DISCUSSÃO

O perfil epidemiológico de HIV/AIDS na população idosa é um tópico complexo que pode ser influenciado por vários fatores, incluindo mudanças globais na saúde pública. É importante considerar que o período da pandemia de Covid-19 pode ter impactado as notificações de casos de AIDS no ano de 2020. Ademais, vale ressaltar que os resultados deste trabalho se baseiam nas notificações informadas ao SINAN, e que o preenchimento incompleto dos dados, ou a falta deles, impactam negativamente na criação de políticas públicas efetivas para o controle e a prevenção da doença.

O aumento do número de casos de HIV em pessoas idosas no Brasil identificado no presente estudo tem sido objeto de análise em diversos outros, Gomes e Lopes (2022) estudaram o panorama dos comportamentos sexuais de risco na população adulta brasileira em 2019, onde foi evidenciado uma maior incidência de casos nesta população e várias razões têm sido apontadas para explicar esse fenômeno. Uma das principais causas está relacionada ao aumento da expectativa de vida e ao uso mais frequente de medicamentos para impotência sexual e reposição hormonal, o que tem resultado em uma vida sexual mais ativa entre os idosos e a implantação do acesso universal à terapia antirretroviral (VIEIRA et al, 2021; CARVALHO e ARAGÃO, 2022). Além disso, a falta de programas educativos direcionados a essa faixa etária, bem como a baixa adesão a práticas de sexo seguro, contribuem para a vulnerabilidade dessa população (SANTOS et al, 2021). Essas complexas interações entre fatores biológicos, comportamentais e socioculturais requerem uma abordagem multidisciplinar para entender e enfrentar o aumento de casos de HIV

entre os idosos no Brasil.

Em relação ao gênero, os homens foram os mais atingidos. Essa constatação é confirmada pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, que revela uma predominância de casos de HIV/Aids entre o sexo masculino no Brasil. Tal fato pode ser atribuído ao preconceito profundamente arraigado entre os homens em relação à visita aos serviços de saúde e ao uso incorreto de preservativos, frequentemente justificado pela suposta redução do prazer sexual e desempenho sexual (NETO et al, 2015; PEREIRA et al, 2022; SOUZA et al, 2023). Este estigma manifesta-se de maneira poderosa, afetando a identidade individual, de grupos e as interações sociais, com repercussões nos processos de saúde e doença.

Embora o sexo masculino tenha sido mais afetado nesta pesquisa, o sexo feminino também mostrou um resultado notável, ilustrando o fenômeno da feminização do HIV/Aids também evidenciado em outros estudos. Essa tendência pode ser entendida através da maior vulnerabilidade biológica e social das mulheres. O aspecto biológico se refere às mudanças morfofisiológicas, enquanto o aspecto social está ligado à continuidade de normas culturais, ao contexto patriarcal que historicamente colocou o homem em posição de domínio sobre a mulher, impactando diretamente nas decisões relacionadas à intimidade; e normas religiosas que impedem a implementação de medidas preventivas, principalmente no que concerne à população idosa (VIEIRA et al, 2021, SANTOS et al, 2022).

Um estudo quase experimental sobre uma intervenção educativa com pessoas idosas sobre HIV/AIDS revelou que muitas mulheres idosas, principalmente aquelas em relações longas e estáveis, dispensam o uso de preservativos, muitas vezes devido à confiança estabelecida e à submissão ao companheiro, ou da incapacidade em negociar a utilização do preservativo, ou mesmo porque acreditam que após a chegada da menopausa não precisam da prevenção (NETO, et al, 2015; ARAÚJO et al, 2020, VIEIRA et al, 2021).

Quando se trata da variável raça/cor, a análise dos dados é complexa, refletindo as diferenças regionais e históricas do Brasil, bem como a natureza subjetiva da variável, que pode depender da autodeclaração do indivíduo ou da interpretação do profissional que registra a informação. Por exemplo, um estudo conduzido por Vieira et al (2021) no estado do Piauí encontrou uma predominância significativa da raça/cor parda entre os casos de HIV/Aids na população idosa. Em contraste, uma pesquisa realizada por Schuelter-Trevisol et al (2013) em Santa Catarina mostrou que a maioria dos idosos afetados era da raça/cor branca, um fenômeno que pode estar ligado a alta presença de descendentes de europeus na região.

Referente à escolaridade, embora a maior parcela dos idosos possua ensino fundamental incompleto, observou-se que a doença acontece em todos os níveis de escolaridade, indicando que o problema vai além do nível de instrução pessoal, mas também inclui crenças religiosas, dogmas morais, construções sociais e outros fatores que se somam a uma série de mitos que precisam ser esclarecidos de forma responsável

(ARAÚJO et al, 2020; PEREIRA, et al, 2022).

Em relação à região de residência, não é surpreendente que o Sudeste tenha registrado o maior número de casos de AIDS, já que é a região mais populosa do Brasil, composta pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais (SOUZA et al, 2023). Essa observação é corroborada por um estudo de Santos, N. J. S. e colaboradores, que destacou que o estado de São Paulo, em particular, tem sido responsável por cerca de 50% do total de notificações do país desde o início da epidemia. Isso é consistente com sua alta densidade populacional e características de grande centro urbano.

Quando se trata do tipo de exposição, é amplamente reconhecido que a relação sexual sem proteção é a principal via de transmissão da AIDS. Entre os idosos, a relação heterossexual emergiu como o principal meio de exposição à síndrome. Esse aspecto tem sido objeto de crescente estudo, refletindo uma mudança no perfil demográfico tradicionalmente considerado vulnerável à doença. No entanto, muitos idosos não se veem como suscetíveis à infecção pelo HIV, frequentemente associando o risco a grupos como jovens, usuários de drogas, homossexuais e profissionais do sexo (ARAÚJO et al, 2020). Essas percepções podem levar à adoção de comportamentos de risco e sublinham a necessidade de educação sexual direcionada a essa faixa etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca o aumento progressivo do HIV/AIDS na população brasileira com mais de 60 anos, em contraste com as faixas etárias mais jovens, predominando em homens heterossexuais, da raça/cor branca, da região Sudeste e com menor escolaridade. Os resultados aprimoram o entendimento da dinâmica epidemiológica da infecção por HIV/AIDS no país e fornecem subsídios para análises a respeito de determinadas variáveis.

A análise aponta para uma necessidade urgente de reconhecer os idosos como igualmente suscetíveis à infecção pelo HIV, exigindo uma reavaliação das práticas de saúde e mais investimentos na área. Diversos esforços devem ser mobilizados para combater o aumento dos casos de HIV/AIDS entre essa população. É essencial desmistificar os tabus em torno da sexualidade e promover a educação sexual direcionada a este grupo, bem como campanhas educativas que incentivem o uso de preservativos, ressaltem a importância dos testes diagnósticos regulares e promovam o entendimento de saúde sexual. A falta de conhecimento sobre a sexualidade na terceira idade pode resultar em atitudes negativas em relação ao tema, o que, por sua vez, aumenta a vulnerabilidade dos idosos ao HIV.

A compreensão e a educação adequadas são essenciais para combater percepções equivocadas e proteger essa população de risco crescente. É igualmente crucial promover campanhas públicas para a educação contínua dos profissionais de saúde, de modo que, além de promoverem a saúde sexual, saibam respeitar, acolher e direcionar a pessoa idosa

com dignidade, livre de estigmas e normas sociais.

Por fim, a vulnerabilidade dos idosos à infecção por HIV está associada a diversos fatores, e a relevância de novos estudos para explorar essa temática não se restringe apenas à promoção da saúde e ao bem-estar da população idosa. Ela também reside na análise e entendimento dos elementos que podem estar contribuindo para essa realidade

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rosaline Bezerra; LEAL, Márcia Carréra Campos; MARQUES, Ana Paula de Oliveira. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas com HIV. **Ciência & saúde coletiva**, v. 25, p. 2051-2062, 2020.

AGUIAR, Rosaline Bezerra et al. Idosos vivendo com HIV—comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 575-584, 2020.

ARAÚJO, Wallacy Jhon Silva et al. Intervenção educativa com idosos sobre HIV/aids: um estudo quase experimental. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS (Departamento de Informática do SUS). Disponível em: <http://www2.aids.gov.br/cgi/deftohtm.exe?tabnet/br.def>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica para Organização da Rede de Atenção à Saúde do Foco na Atenção Primária à Saúde e na Atenção Ambulatorial Especializada: **SAÚDE DA PESSOA IDOSA (2019)**. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. São Paulo: Hospital Israelita Albert Einstein: Ministério da Saúde, 2019. 56 p.:il.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV/ Aids 2021**. Número Especial. Dez. 2021. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2021/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2021>. Acesso em: 23 de julho, 2023.

DE CARVALHO, Paula Arruda; DE ARAGÃO, Ivana Picone Borges. Epidemia de HIV/AIDS entre a população idosa do Brasil de 2008 a 2018: uma análise epidemiológica. **HU Revista**, v. 48, p. 1-7, 2022.

DE MELO, Bruna de Oliveira et al. Epidemiologia e aspectos imunopatológicos do vírus da imunodeficiência humana (HIV): revisão de literatura. **Revista Ceuma Perspectivas**, v. 31, n. 1, p. 86-100, 2018.

DORNELAS NETO, Jader et al. Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3853-3864, 2015.

FERREIRA, Cristiane Marcos Soares Dias; LEITE, Isabel Cristina Gonçalves. Epidemiological characteristics and adherence of a cohort of elderly people with HIV/AIDS in the Public Health System. **Einstein (São Paulo)**, v. 20, p. eAO6474, 2022.

GOMES, Nayara Lopes; LOPES, Claudia de Souza. Panorama of risky sexual behaviors in the Brazilian adult population–PNS 2019. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, 2022.

KOKORELIAS, Kristina Marie et al. Understanding geriatric models of care for older adults living with HIV: A Scoping Review and Qualitative Analysis. 2023.

LEMOS, Amanda Camilo Silva. OCORRÊNCIA DE HIV NA POPULAÇÃO IDOSA DO BRASIL. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 1, p. 468-477, 2023.

NICARETTA, Ricardo José; FERRETTI, Fátima. Alterações físicas, emocionais e sociais produzidas pelo HIV/Aids na vida dos idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 27, n. 1, 2022.

NICARETTA, Ricardo José et al. Itinerário terapêutico de idosos vivendo com HIV/Aids: perspectivas da história oral. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33013, 2023.

SANTOS, Naila Janilde Seabra et al. A aids no Estado de São Paulo: as mudanças no perfil da epidemia e perspectivas da vigilância epidemiológica. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 5, p. 286-310, 2002.

SANTOS, Tainá Cajazeira et al. Análise temporal da incidência de HIV/aids em idosos no período de 2007 a 2020. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 24, 2022.

SCHUELTER-TREVISOL, Fabiana et al. Perfil epidemiológico dos pacientes com HIV atendidos no sul do Estado de Santa Catarina, Brasil, em 2010. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 22, n. 1, p. 87-94, 2013.

SOUZA, Katyucia Oliveira Crispim de et al. Uma análise espaço temporal da mortalidade em pessoas idosas que vivem com HIV/AIDS no estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 26, p. e230035, 2023.

PEREIRA, Raquel de Brito et al. Fatores associados à vulnerabilidade de idosos ao HIV/AIDS: revisão integrativa. **Espaço. saúde (Online)**, p. 1-10, 2022.

VIEIRA, Chrystiany Plácido de Brito. *et al.* Tendência de infecções por HIV/Aids: aspectos da ocorrência em idosos entre 2008 e 2018. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021.

UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS (UNAIDS). Estatísticas sobre HIV e AIDS. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/>. Acesso em: julho/2023.